

RESENHA CRÍTICA
REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE UMA CULTURA SURDA POR
NÍDIA REGINA LIMEIRA SÁ

Cristiana Aparecida de Freitas Freddo¹
Charleston Sperandio de Souza²

SÁ, Nidia Regina Limeira. Existe uma cultura surda? In: **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006. 388 p.

Resumo

Nesta obra, Sá (2006) dá visibilidade à cultura surda, à medida que tece críticas a como ela foi silenciada ao longo do tempo, causando prejuízo para a sua consolidação. Com a pós-modernidade nascem as possibilidades de novas visões e modos de compreender-se o contexto social no qual vivemos, isso permite trazer à cena as minorias culturais, como é o caso dos surdos. A defesa é a de que se problematize o desrespeito aos surdos e se promovam práticas de valorização da Língua de sinais, logo, de seu modo de comunicar-se e expressar-se.

Palavras-chave: Cultura surda. Surdez. Inclusão.

Introdução

Nidia Regina Limeira de Sá é professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Chefe do Departamento de Letras/Libras da UFRJ. Atuou como docente nas Faculdades de Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal da Bahia, e da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Realizou estágio pós-doutoral pela Universidade Federal da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Federal do Amazonas; Bacharel em Psicologia; Licenciada em Psicologia. Foi vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFAM e vice-diretora da Faculdade de Educação da UFAM; foi presidente da

1 - Graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas Literaturas, pelo Instituto Superior de Educação de Juína - MT (2009). Especialista em Metodologia do ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade da Lapa. Professora da Escola Estadual Antônia Moura Muniz, Juína/MT.

2 - Graduado em Administração pela Fundação Castelo Branco (1993 - Colatina/ES); Especialista em Docência do Ensino Superior; Mestre em Administração de Empresas pela Fundação Instituto Capixaba de Pesq. em Contabilidade, Economia e Finanças – FUCAPE. Doutorando em Economia pela Universidade Nacional de La Matanza - UNLAM (Buenos Aires - Argentina).

Comissão de Criação e Implantação do Curso de Letras/Libras da UFAM, coordenou a Comissão de Inclusão e Acessibilidade da UFAM; dirigiu o Departamento de Políticas e Programas Educacionais da SEDUC/AM, dirigiu a Coordenação de Desenvolvimento Humano da Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Pessoas da UFBA; foi Avaliadora Institucional do INEP/MEC. Atuou como uma das representantes da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos) no GT de Elaboração de Subsídios para a Política Nacional de Educação Bilíngue de Surdos (SECADI/MEC) (As informações sobre o percurso profissional da autora foram coletadas da Plataforma Lattes, em 12 de mar. 2018).

Cultura surda e o contexto social no qual se materializa

A autora trata deste tema com muita sutileza, evitando inflamar a cultura surda contra cultura ouvinte ou demonstrar a superioridade de uma sobre a outra. O texto é bem articulado e a leitura de fácil compreensão, embora tenha uma profundidade teórica. Há uma crítica ao modelo postulado pelo padrão social, sobre o que seja normalidade.

Sá (2006) traz ao lume a ideia de que a cultura surda é tratada como algo sem importância, algo menor. Um aspecto importante para o qual a autora chama a atenção é o fato de, até os dias atuais, todas as regras da sociedade de surdos ser ditada por ouvintes, que não têm a mesma possibilidade de identificar e valorizar a construção da linguagem, a simbologia, os estudos, a interpretação de ideais, enfim, captar a visão de mundo das pessoas surdas.

Além das dificuldades vividas pela não aceitação da cultura surda, dentro dos moldes da cultura ouvinte, Sá (2006) considera que existem outros fatores que causam ainda maior distanciamento entre surdos, ouvintes e suas respectivas culturas. Tais fatores estão relacionados à própria formação dos sujeitos e envolvem as suas concepções sociais, de gênero, credo e raça. Quando a sociedade normatiza padrões, torna o sofrimento das pessoas que estão fora deles, ainda maior.

Ao fazer uma recuperação histórica da trajetória da constituição da cultura surda, Sá (2006) evidencia que antigamente o hábito era sacrificar as pessoas surdas, no entanto, cabe pensarmos como isso é feito contemporaneamente, não de modo direto, mas por meio da supervalorização da cultura ouvinte, que o faz de forma velada, silenciosa, tirando as possibilidades de visibilidade das minorias, sob o pretexto da normalidade e do politicamente correto. No entanto, a autora também registra os avanços obtidos com o advento da pós-modernidade, momento no qual “a humanidade se dá conta de que já não é mais válido o projeto moderno de ordem, progresso e racionalidade. As crenças sólidas do passado se esvaem” (SÁ, 2006, p.35).

A nossa sociedade tem inúmeros desafios a serem superados e um deles é a valorização da cultura surda, o que implica respeitar que cada pessoa, tenha ela alguma deficiência ou não, é diferente das outras e que, independente do rótulo que lhe seja imposto ela é uma pessoa singular, “única”. Assim, todos precisam entender que os surdos têm a sua forma de comunicação e expressão, sua língua, e que devem ser respeitadas.

Sá (2006) enfatiza a necessidade de entender que o sistema educacional, social, moral e religioso precisam rever seus conceitos em relação à cultura surda e a forma de conceber o sujeito, sobretudo no contexto de avanços trazidos pela pós-modernidade. Nesse sentido, cumpre compreender que pessoas surdas também precisam ocupar todos os espaços da sociedade, dado que pessoas surdas estudam, aprendem e tem o potencial de serem profissionais em qualquer área do conhecimento. O que faz com que não as vejamos em muitos lugares é justamente o preconceito que as oprime. As pessoas surdas têm o mesmo direito à autorealização que quaisquer outras, no seu ritmo e por seus próprios meios.

Conforme as ideias expostas pela autora, fica evidente que as pessoas, em nível global, devem valorizar todas as culturas, porque o modelo excludente já não pode ser mais aceito, as discussões caminharam positivamente e sabemos do sofrimento causado pela discriminação, que obriga-os a viverem encarcerados em grades psicológicas, invisíveis.

A nossa sociedade deve estar solidificada sobre os preceitos de justiça e igualdade de direitos, na equiparação e na interdependência. Todos têm direito à qualidade de vida, sem discriminação de nenhum tipo. Todos devem se esforçar para reconhecer e aceitar a diversidade como princípio básico para a convivência social.

Ao afirmar que alguém está fora da normalidade, é importante definir o que é normal. O fator mais associado à ideia de normalidade é a capacidade de adequar o seu universo como as demais, mas este conceito é preconceituoso, porque considera apenas normal o que é igual, semelhante e já foi dito que todos nós somos diferentes, únicos. Essa crença de que há um padrão sobre o normal demonstra total despreparo para viver-se em comunidade. Devido aos avanços nos estudos relacionados à inclusão, grande parte da humanidade não está mais disposta a aceitar a discriminação, Sá (2006) chamará de pós-modernismo de resistência, que pode servir com uma crítica voltada para a intervenção e transformadora da cultura.

Quando nos pergunta, no título do texto, se existe uma cultura surda, Sá (2006) leva-nos a repensar a visão sobre a surdez. O capítulo em questão busca atender às necessidades de pesquisadores da área de inclusão educacional, professores interessados em discutir a temática e promover a inclusão nos espaços nos quais atuam, quanto às pessoas surdas, pessoas que

anseiam trabalhar em salas de recursos em instituições de ensino ou área de recursos humanos em empresas.

Conclusão

Sá (2006) propõe em sua obra uma reflexão sobre a desvalorização da cultura surda, dado que todo o mecanismo de gerenciamento social é feito por pessoas ouvintes. Não reconhecer a cultura surda significa negar-lhes o direito à inserção social, em muitos casos submetendo-os à oralização, que é sinônimo de violência, à medida que lhes tira o direito a comunicar-se por meio de sua língua oficial, a Língua Brasileira de Sinais.

O texto de Nídia Regina Limeira de Sá nos conduz a ouvir o que o indivíduo surdo tem a dizer, valorizando a constituição de sua própria cultura, que envolve um modo de comunicação e expressão própria. Isso nada mais significa do que garantir o direito de serem cidadãos. A pós-modernidade avançou, em parte como consequência das mudanças ocorridas nas sociedades e no campo científico, mas ainda há muito a conquistar quanto ao respeito da cultura surda.